

Literaturas latino-americanas nas instituições e revistas acadêmicas anglo-americanas

Rodolfo A. Franconi
Dartmouth College

Há quase um século...

Menos de um ano passado da criação da American Association of Teachers of Spanish, no número correspondente ao terceiro trimestre da revista da Associação, *Hispania*, de setembro de 1918, Aurelio M. Espinosa, da Stanford University, e editor da revista, discute os termos “Latin América” e “Latin American” num artigo intitulado exatamente “The Term Latin América”,¹ argumentando que o novo termo, na verdade cunhado pelos franceses no século XVIII, nunca havia sido usado até o final do século XIX. Contudo, nos últimos dez anos, isto é, mais ou menos a partir de 1998, começaram a aparecer os termos “Ibero America”, “Ibero American” e “Latin América”, “Latin American” ao lado do termo próprio, segundo ele, “Spanish América”, “Spanish American”.

Nos quatro últimos séculos, explica, desde o Descobrimento até o final do século XIX: “no writer, historian, or philologist of importance used the terms *Latin America, Latin American*”. Os franceses usaram por quatro séculos o termo “Amérique Espagnole”, os ingleses e os norte-americanos o termo “Spanish America”, os italianos, “America Spagnuola”, etc. “We

¹ Espinosa, Aurelio M. “The term Latin American”, in *Hispania*, vol. 1, n. 3, (Setembro, 1918), 135-143.

[entenda-se “os americanos” ou “nos Estados Unidos”] have always said and still say *The Spanish Peninsula*”. O novo termo “Latin America”, portanto, é um intruso e, para existir, deve provar seu direito de existir. (Espinosa 135)

Continua o articulista arguindo que o termo “Latin American” foi introduzido pensando-se no Brasil, mas que isso é uma falácia, pois o Brasil é de origem portuguesa tanto na cultura como na língua, e vem de Portugal, “an integral part of the Spanish peninsula, *Hispania, Spain*; and therefore *Hispanic America* includes Brazil as well as Argentina and other South American countries”. E justifica-o acrescentando que “every schoolboy knows that South America was discovered, colonized, civilized, and developed by Spain (including Portugal), in the same way as the region now known as the United States was for the most part discovered, colonized, and civilized by England or peoples coming from England (including Scotland and Wales)”. Concluindo ratifica que os termos que têm sido usados nos últimos quatro séculos: “*Spanish America, Spanish American*, are, therefore, correct”, e termina o parágrafo com a seguinte pergunta “where and why the necessity of adopting the new and incorrect terms?”. (Espinosa 135-136)

No mesmo artigo, Espinosa faz menção a uma nota na revista *Inter-America*, em abril de 1918, página 195, sobre artigo do renomado Menéndez Pidal, onde o editor do periódico comenta que “the writer (Menéndez Pidal) undertakes to show that it is not only improper but inadmissible [the new term]; and he offers certain substitutes, which he considers irreproachable”. No entanto, Espinosa argumenta que Menéndez Pidal não estava oferecendo substitutos, senão “defending the well-known, traditional, and scientifically correct terms. The term *Latin America* is in fact the substitute which has been recently introduced”. Em seguida esclarece que, segundo seu melhor entendimento, o primeiro a protestar contra os novos e impróprios termos foi o notável hispanista J. C. Cebrián, de San Francisco, Califórnia. Em carta publicada em *Las Novedades* (Nova Iorque, 2 de março de 1916), Cebrián se expressa clara e enfaticamente sobre o tema:

Al recorrer las páginas de Las Novedades noto con placer el espíritu de españolismo que las anima; y esto me inspira confianza para someter a la consideración de ustedes una cuestión vitalísima para nuestra España, y es el nuevo nombre, o apodo, que algunos están usando ahora con nuestros pueblos hermanos, con las repúblicas hispano-americanas, que ahora quieren bautizar 'la América Latina'. ¿Y con qué razón? Con ninguna: porque América Latina significa un producto o derivado latino; y latino hoy día significa lo francés, italiano, español y portugués. Ahora bien, esos países son hijos legítimos de España, sin intervención de Francia ni de Italia: España, sola, derramó su sangre, perdió sus hijos e hijas, gastó sus caudales e inteligencia, empleó sus métodos propios (y a menudo vituperados, sin razón sea dicho), para conquistar, civilizar, y crear esos países; (...) España, sola, los dotó con su idioma, sus leyes, usos y costumbres, vicios y virtudes; España transplantó a esos países su civilización propia, completa, sin ayuda alguna. (...) Así vemos que después de haber sido colonias españolas, todo el mundo ha continuado llamando aquellos países por su propio apellido, que es: español; y hasta hace cinco años han sido conocidos como países hispano-americanos, repúblicas hispano-americanas, América española o hispana; 'Spanish America' han dicho siempre los yanquis; y cuando un hispano-americano de cualquier zona anda por los Estados Unidos todo el mundo, doctos e indoctos, grandes o chicos, los han llamado y llaman Spanish; jamás se les ocurre decir: he or she is Latin. Véanse los escritos e impresos de los Estados Unidos anteriores a 1910, y siempre se hallarán los apelativos Spanish, Spanish American, Spanish America, the Spanish Republics: y lo mismo en Francia antes de 1910, en todos los periódicos y libros han impreso les pays hispano-américains, les hispano-américains, l'Amérique espagnole.²

² Cebrián, J. C. in Espinosa, Aurélio M. "The term Latin American", *ibidem* 136-137.

Quase num estertor político, no sentido de defender o que foi a supremacia espanhola na América - lembremos que o apologista está escrevendo há pouco menos de duas décadas do *Tratado de Paz entre Espanha e os Estados Unidos*, quando aquela perde Cuba, a ilha de Porto Rico e as demais, que estavam sob sua soberania nas Índias Ocidentais, a ilha de Guam, no arquipélago das Marianas ou Ladrões, e igualmente cede aos

Estados Unidos o arquipélago conhecido como Ilhas Filipinas –,³ o argumento de Cebrián, de tom nacionalista e ressentido, reivindica a permanência da palavra “espanhola” ou “hispana” na adjetivação da América que entende ter sido literalmente criada pela Espanha: “España, sola, los amamantó, los crió, los guió maternalmente, sin ayuda de Francia o Itália (más bien censurada por estas dos latinas), y los protegió contra otras naciones invidiosas: (...)”. Contudo, como situar a “outra latina”, a portuguesa? Portugal é cuidadosamente evitado até o parágrafo em que o Autor terá, inevitavelmente, que tratar do Brasil. O argumento, para derrubar de vez o insultante termo “América Latina”, apóia-se no termo, na época, largamente aplicado a toda a Península Ibérica: “Hispania”, assim como o adjetivo “Hispanic”, que era usado para a progênie ibérica na América.⁴ Apesar da presença – em nada insignificante em território e população –, de um país de “idioma, leis, usos e costumes, vícios e virtudes” portugueses na América – para ficarmos com a mesma retórica da “criação dos países” neste continente – de nenhum modo isso justifica o uso do termo “latina”, uma vez que Portugal também é “hispano” por estar na Ibéria, ou, como se dizia, “Hispania”:

Además de las 18 repúblicas españolas, tenemos el Brasil, creado por Portugal, en donde se habla portugués, y se rige por leyes, usos y costumbres portuguesas. Pero hay que notar que ese país es también hispano, porque Hispania, como Iberia, comprendía Portugal y España, y nada más. De suerte que el apelativo hispano-americano comprende todo lo que proviene de Portugal y de España. Y ahí va un ejemplo: los yanquis, que tienen fama de inteligentes, lógicos, justicieros, fundaron en Nueva York una Sociedad para el estudio de la Historia Americana relacionada con España y Portugal, y escogieron por nombre The Hispanic Society of América: no eligieron el título Latin Society of América, porque hubiera sido un equívoco, una falsedad, un error craso, como lo es aplicar el apelativo latino a nuestras naciones hispánicas, hispanas o españolas (que no descienden ni de Francia ni de Italia).⁵

E, num ato falho, esquecendo-se da História do México, do Sul dos Estados Unidos, do Caribe, e da desastrosa perda das colônias espanholas para os seus “inteligentes, lógicos y justicieros yanquis”, conclui que “[e]

³ *Tratado de Paris*. 10/12/1898. <http://www.lexjuris.com/LEXLEX/lexotras/lextratadoparis.htm> Consultado em 2/7/2004.

⁴ Ellison, Fred P. “Portuguese in the First Fifty Years of the AATSP”. *Hispania*, Vol. 50. N.º 4, Fiftieth Anniversary Number. (Dezembro, 1967), 860-861.

⁵ Cebrián, J. C. in Espinosa, Aurélio M. “The term Latin American”, *ibidem* 137-138.

poderío de Francia en América nunca tuvo lugar en los países hispanos; se ejerció en terrenos que hoy pertenecen a los Estados Unidos o al Canadá: que trate de introducir el apelativo latino en esas regiones”.⁶

⁶ *Idem ibidem* 138.

As longas citações aqui trazidas sobre a discussão do uso do termo “América Latina” ocorrida nas primeiras décadas do século XX nos Estados Unidos entre os hispanistas é fundamental para entendermos em que alicerces se assentaram os estudos latino-americanos e, mais tarde, os de literatura latino-americana nesse país.

Nos dias de hoje

Que se entende por “Latin American studies?”

Esta pergunta, que parece levar a uma resposta simples, implica, desde o lugar onde é formulada, diferentes conceitos.

Na academia norte-americana se oferecem cursos de língua espanhola tanto nas escolas de nível médio como em quase todas as universidades. Nestas, além dos cursos de língua, que vão do nível básico ao avançado, a maioria oferece cursos de cultura e literatura dos países de língua espanhola.

Imaginemos, para melhor situar a forma como se percebe “América Latina” na academia norte-americana, a seguinte situação: Faz-se a pergunta acima no primeiro dia de aula de um curso oferecido, em inglês, por um programa ou departamento de “Latin American Studies”. Muito provavelmente todos os estudantes terão uma resposta coincidente. O professor, então, poderá demorar-se nos vários aspectos do que todos entenderão ser enfoques dos “Latin American studies”. Partindo da História para chegar, digamos, à Ecologia, nenhum aluno estranhará que o professor comece sua exposição apresentando casos da exploração da Amazônia brasileira e não tenha começado pela equatoriana, peruana, boliviana, colombiana ou venezuelana. O mesmo acontecerá com qualquer outra disciplina de um programa ou departamento onde “América Latina” se entende como parte de um continente ou continentes cujo nome conceitual é precisamente “América Latina”. O mesmo ocorrerá se a exposição se der num congresso, conferência, simpósio, encontro, seminário, etc. sobre “Latin American Studies”.

Entretanto, não é exatamente assim que se percebe “América Latina” quando o objeto de estudo é “Latin American literature”. Para aqueles

mesmos estudantes que se matricularam no hipotético programa ou departamento acima referido, ouvir o professor começar sua aula mencionando obras do Brasil pode não causar tanto espanto; porém, para estudantes matriculados num curso de “Latin American literature”, digamos, sobre o Romantismo, causará grande espanto o professor pedir-lhes que leiam entre os romances fundadores da nacionalidade “americana”, *O guarani*, de José de Alencar. A surpresa ocorre por uma simples razão: nos “Latin American Studies” tudo se lê em inglês, enquanto na grande maioria dos cursos de literatura lêem-se os textos na língua original. Sob esse aspecto, América Latina e latino-americano tornam-se termos tradicionalmente associados à língua espanhola, excluindo o português. O que se tem, portanto, é “Latin American literature” em oposição a “Luso-Brazilian literature”, entendendo-se que esta é em português e aquela em espanhol. Desse modo, ainda hoje, o lugar do Brasil nos estudos de literatura latino-americana continua *fora* da América Latina.

Se não lograram os hispanistas, nas primeiras décadas do século passado, manter o adjetivo “espanhola” ou “hispanica” ao lado de “América”, tampouco o abrangente adjetivo “latina”, que vingou e se impôs sobre os demais, incluiu as “otras latinas” das Américas, a portuguesa e muito menos a francesa, que tanto os angustiava.

O estudo da literatura francófona das Américas normalmente se configura nos “Caribbean Studies”⁷ (Haiti), não raro integrados aos “African and African-American Studies” ou “African Diaspora Studies”, ou, como os estudos quebequenses, fica atrelado aos estudos de literatura francesa, ministrados em francês, ou literaturas francófonas, termo que borra o cunho da nacionalidade. Curioso, ainda, é observar o que comumente se entende por “Latin American and Caribbean literatures”.⁸ Pode-se, assim, aferir que a terminologia que define algumas das áreas do conhecimento aqui apresentadas é, ainda hoje, além de imprecisa, pouco questionada na academia estadunidense. O que deveria causar certo pasmo, considerando-se a precisão e, sobretudo, o cuidado com que essa mesma academia observa vocabulário, conceitos e definições.

Sempre o passado...

As terminologias que se desenvolveram nos Estados Unidos para especificar os estudos que abarcam a literatura de língua portuguesa e a de

⁷ Veja-se o site “VICS -The Virtual Institute of Caribbean Studies” (<http://pw1.netcom.com/~hhenke>). Consultado em 2/7/2004.

⁸ No site das Duke University Libraries, por exemplo, encontra-se a seguinte classificação: “Spanish, Latin American, Brazilian and Caribbean Literature”, onde, tanto literatura brasileira como literatura caribenha (e o Caribe hispanófono?) não fazem parte da literatura latino-americana. (<http://www.lib.duke.edu/ias/latamer/lit.htm>). Consultado em 2/7/2004.

língua espanhola da América Latina atestam a trajetória dos estudos literários sobre essas literaturas na academia norte-americana.

No primeiro encontro da American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, a AATSP, em 29 de dezembro de 1917, a palavra “Portuguese” não constava no nome da Associação. Somente se incluiu o português na Associação em 1944, acrescentado-se “Portuguese” ao seu nome em dezembro do mesmo ano, com muita pouca atenção em *Hispania*, a revista da Associação.

Já em 1919, John Casper Branon, reitor emérito da Stanford University, havia publicado um artigo intitulado “The Importance of the Study of the Portuguese Language” (*Hispania*, Vol. II, 1919. 87-93), onde apoiava seu argumento no valor comercial da língua e fazia um pedido para o reconhecimento do português pela Association of Teachers of Spanish. Outras propostas foram feitas em anos sucessivos para a inclusão do português. Em 1922, no Sexto Encontro Anual da Associação, Maro Beath Jones, de Pomona College, um dos verdadeiros pioneiros do ensino do português nos EE. UU., pergunta “if there were not some way whereby the Association might signify an interest in the study of Portuguese”, o que incorreu na aprovação de uma resolução, que incentivava o estudo da língua e literatura portuguesa. É importante notar que, no texto em inglês, lê-se “the study of Portuguese language and literature”; contudo, “Portuguese” incluía “Brazilian”, como se pode averiguar facilmente na leitura dos referidos artigos.⁹ Em 1938, aparece em *Hispania* (Vol. XXII, 381-389) “A Selective Bibliography of Portuguese Literature, 1922-1937”, da autoria de Melissa A. Cilley, da Agnes Scott College, e Aubrey F. G. Bell. Em 1941, Eunice Joiner Gates publica o artigo “Problems in Research Dealing with Portuguese and Brazilian Studies” (*Hispania*, Vol. XXV, 151-157) e Edwin B. Williams, eminente lusitanista da University of Pennsylvania, publica “Portuguese and Brazilian Spelling” (*Hispania*, Vol. XXV, 189-193). Em 1943, Richard M. Perdew, da “Division of Inter-American Educational Relations” do Ministério de Educação dos Estados Unidos publica o relatório “Portuguese Courses in the Colleges and Universities in the United States” (*Hispania*, Vol. XXVI, 100-106), onde aparecem 52 instituições oferecendo cursos de português. Outros artigos como “Portuguese Courses in the Colleges and Universities in the United States, 1943-1944” (*Hispania*, Vol. XXVII, 351-355), do especialista em português Charles T. Stuart, também da “Division of Inter-American Educational Relations” do Ministério de

⁹ Maro Beath Jones editou *Innocência*, de Taunay (Boston: D. C. Heath Co., 1923). O primeiro tipo de “textbook ‘reader’” a ser publicado no século passado. No artigo “Portuguese in the First Fifty Years of the AATSP”, Fred P. Ellison comenta: “Because of the widespread ignorance of Portuguese, he appended an outline of grammar, and for the benefit of students of Spanish who might wish to compare the language with Portuguese, a tabulation of *lusitanismos*. He also furnished an extensive introduction to nineteenth-century Brazilian literature. In 1927, Professor Jones contributed another article of pedagogical interest, “Suggestions for the Study of Portuguese,” which reveals that except for the edition of *Innocência*, only one other textbook was published in the U.S., *A Portuguese Grammar* (Boston: D.C. Heath & Co., 1925) by E. C. Hills, J. D. M. Ford, and J. de Siqueira Coutinho. Other textbooks had to be imported (X, 265-69)”. In *Hispania*, Vol. 50, N.º 4, Fiftieth Anniversary Number. (Dezembro, 1967), 861.

Educação dos Estados Unidos, que apresenta um significativo aumento de instituições oferecendo cursos de português, de 52 no primeiro relatório para 92 no segundo, reforçaram a idéia da inclusão do português na Associação, que, em 1944, apenas necessitou ser ratificada.¹⁰

Idealismos à parte, *ideologías adentro*

A partir dos anos 1920 começaram a aparecer cursos de pós-graduação em escolas como Harvard e similares, os “Iberian Studies” e, nos anos 30, os “Latin American Studies”. Basicamente se estudam História e Literatura até a Segunda Guerra Mundial, quando a elas se juntam as Ciências Políticas. A partir da Segunda Guerra há grande interesse dos Estados Unidos pelo Brasil, sendo que, terminada a Guerra, a Fundação Ford vai ao Brasil. O interesse, vale dizer, é de ambos os lados: do Brasil e dos Estados Unidos. Com a crescente preocupação dos Estados Unidos frente à constante ameaça comunista na América Latina, os “Latin American Studies” vão interessando cada vez mais os círculos acadêmicos, pondo a língua espanhola na base mesma da pirâmide para uma compreensão “desde adentro” do que passa na América Latina. Os programas e departamentos a nível graduado, onde se ensinam línguas, vão incorporando a seus currículos novos cursos em literatura e, nesse momento, a diferença vai-se fazendo clara: “Spanish Literature” versus “Latin American Literature”. Da mesma forma vão estruturar-se os “majors”, ou “concentrações” disciplinares, e assim por diante.

Quando o português começa a participar dos programas graduados, somente se oferecem cursos de língua. Pouco a pouco incorporam-se cursos de literatura e, então, a questão das terminologias se complica. Falar de “Latin American literature” já significa literatura em espanhol: o termo, portanto, que vai diferenciar a literatura produzida em espanhol ou em português na América Latina, é simplesmente “Brazilian literature” ou “Luso-Brazilian literature”. Por outro lado, muitos dos estudantes, se não todos, que estudam português já sabem ou estudam espanhol. Seus “majors” podem aparecer genericamente como “Latin American Literature” e contarão com alguns cursos em português e literatura brasileira ou luso-brasileira. Em certos casos, vêem-se “majors” em “Latin American Literature” e “minors” em “Portuguese”.

¹⁰ Leavitt, Sturgis E. “The American Association of Teachers of Spanish and Portuguese: A History”, in *Hispania*, Vol. 50, N.º 4, 813-814. Para uma visão mais completa do assunto, leia-se o artigo já mencionado de Fred P. Ellison, páginas 860 a 871.

Acertando o passo no compasso do outro

A impropriedade de termos, como se pode notar, cresce. A solução – e sempre estamos falando do que é estudar América Latina nos Estados Unidos – poderia, no campo da literatura, ser simples: apenas o acréscimo de um “s” à palavra “literature”: “Latin American literatures”, como ocorre com “Hispanic Literatures” ou “Iberian Literatures”. Contudo, essa terminologia pluralizada não necessariamente inclui o português. É uma terminologia genérica, resguardada, prevenida, onde a concentração de disciplinas – especialmente quando se trata do título que será atribuído a um mestrado ou doutorado (em “Latin American literatures”, “Hispanic Studies”, “Iberian and Latin American Literatures”, “Hispanic literatures”, “Romance Languages and Literatures”, etc.) – que é o que vai determinar se esses estudos foram principalmente em literatura portuguesa, espanhola, brasileira, hispano-americana, ibero-americana, etc. Está claro que poderiam incluir a catalã, a galega... mas aí já entramos no mundo das “exquisiteces”.

O que significa, em última instância, que quem estuda nos Estados Unidos poderá sempre, dependendo do que oferecem os departamentos de estudos graduados, fazer uma concentração em “Iberian literature(s)” sem ou com português, e o mesmo em “Latin American Literature(s) sem ou com português. Por outro lado, claro, pode escolher-se somente uma das literaturas, com total concentração na literatura eleita, por exemplo “Spanish literature” ou “Latin American literature”, onde se estuda a literatura da América Latina de língua espanhola como um todo, etc.

No caso do português, quer dizer, somente “Portuguese Literature”, “Luso-African Literature(s)” e “Brazilian” ou “Luso-Brazilian Literature(s)”, bem menos departamentos oferecem tais “majors” ou “minors”. Com exceção de dois casos, em que os departamentos estão devotados exclusivamente ao estudo da língua, literatura, história e cultura do “Portuguese-speaking world” – o Department of Portuguese and Brazilian Studies da Brown University e o Department of Portuguese da University of Massachusetts Dartmouth – o português ou está com o espanhol num Department of Spanish and Portuguese, ou com outras línguas: românicas, modernas, etc.¹¹ De qualquer modo interessa notar que, para simplificar, passa-se a usar a língua, e não mais as regiões e suas literaturas, como diferenciador.

¹¹ Vale lembrar que o outro país de língua inglesa com um departamento exclusivamente dedicado ao português é a Inglaterra, o Department of Portuguese and Brazilian Studies do King’s College, University of London.

A história das relações geográficas, sociais e migratórias dos países latino-americanos de fala espanhola com os Estados Unidos é absolutamente predominante. O Brasil somente começa a aparecer no mapa humano dos Estados Unidos a partir dos anos 1980, com a diáspora inédita de brasileiros – um país de imigrantes que repentinamente se vê emigrando – devido ao estertor cultural e econômico produzido pela ditadura militar, pelos altos e baixos do governo Sarney e, finalmente, pelo desastre do governo Collor.

Nada mais natural que os emigrantes brasileiros, por razões lingüísticas e culturais, busquem a proximidade dos portugueses já por gerações estabelecidos principalmente em Massachusetts, New Jersey e Califórnia, e igualmente se acerquem das comunidades hispânicas de Miami e New York. Portanto, se levarmos em conta esse fator, a presença da língua portuguesa nos Estados Unidos, em termos concretos, é muito pequena.

Quanto à presença do português em relação ao espanhol nas universidades estadunidenses, é outra a perspectiva a se considerar. Com exceção dos anos pós-guerra, em que os Estados Unidos investe nas relações de boa-vizinhança com o Brasil e demais países da América Latina e, dos anos 1960, após o êxito da Revolução de Cuba em 1958, quando intensificam seu apoio aos movimentos de direita para salvaguardar outros países latino-americanos de seguir o exemplo cubano, nunca o interesse pelo estudo do português, e do Brasil, foi significativo. Não deve, portanto, surpreender o resultado das estatísticas da Modern Language Association –MLA em 2000: em todo o país, somente 0,8% dos estudantes universitários estudam português, contra mais de 50% de estudantes do espanhol.

Diálogos, ¿si los hay?

Como anda a troca de figurinhas literárias hispano-americanas, luso-americanas e anglo-americanas na academia anglo-americana?

Nada melhor para responder a essa pergunta que dar uma volta pelas revistas acadêmicas que se dedicam a essa labor.

Filhas da casa

Hispania, a revista oficial da Association of Teachers of Spanish and Portuguese, que usei como paradigma para este ensaio, continua incluindo artigos sobre pedagogia, literatura, língua, lingüística teórica e aplica-

da, mais, novidade dos tempos, “technology-assisted language instruction”, mídia e computadores, relacionados aos *Hispanic and Luso-Brazilian worlds*. Publica-se trimestralmente – março, maio, setembro, dezembro - e aceita artigos nas três línguas: espanhol, português e inglês. Encoraja os autores a submeter seus textos em espanhol e português; porém a realidade contraria esse incentivo (talvez por isso mesmo esse “encorajamento” conste do “guia para autores”), já que a maioria dos textos tem sido publicado em inglês.¹²

¹² *Hispania*: <http://www.hispaniajournal.org/>

Daquela discussão inicial, nos idos de 1918, se impôs o *Hispanic*, embora sem o esperado êxito de abarcar Portugal e Brasil. No composto conciliador, dois pecados: um taxinômico e outro político: onde o “African”, e o “Asian”, do mundo de fala portuguesa? Na esperança de atenta correção, talvez vejamos em breve *Hispanophone and Lusophone worlds*.

A revista também atua como *forum* de discussões pertinentes à profissão, ocupando, sem competidores, o espaço que a caracteriza. Desde seu início foi pensada como uma publicação acadêmica de primeira classe e também como fonte de auxílio ao exercício da docência secundária e universitária. Contudo, o número de afiliados da AATSP que se dedica aos estudos em língua portuguesa é bastante reduzido, especialmente se comparado ao número de profissionais atuantes nessa área na atualidade. A AATSP, ignorando lusitanistas e brasilianistas por vinte e sete anos (1917-1944), não parece ainda ter conseguido efetivamente atraí-los nos sessenta anos que se seguem (1944-2004).

Latin American Research Review (LARR) é uma revista acadêmica interdisciplinar e publica artigos relacionados com a América Latina e o Caribe. Foi fundada em 1965 por um consórcio de universidades estadunidenses. Ao criar-se a Latin American Studies Association – LASA no ano seguinte, a LARR e a LASA se unem, tornando-se o periódico acadêmico oficial da Associação.¹³

¹³ *Latin American Research Review* – LARR: <http://larr.lanic.utexas.edu/>

Como *Hispania*, a revista encoraja a submissão de artigos e relatórios em espanhol, português e inglês; enfatizando que não traduz artigos e prefere publicá-los na língua original. A LASA é a maior associação de estudos latino-americanos do planeta, com mais de 5.000 associados, entre indivíduos e instituições. A LARR, que está incluída na afiliação, conseqüentemente não só iguala esse número em tiragem como o ultrapassa, pois a revista pode ser adquirida independentemente da afiliação à LASA. Os associados igualmente têm acesso à edição *on-line*, LARR-On-line,¹⁴

¹⁴ LARR-On-line: <http://larr.lanic.utexas.edu/online.htm>

assim como à base de dados eletrônica de artigos de texto completo, da revista inglesa *Bulletin of Latin American Research – BLAR*,¹⁵ publicada pela Blackwell Publishing em nome da Society for Latin American Studies – SLAS.¹⁶

Durante o quinquênio de 2002-2006 o periódico ficou sediado na University of Texas at Austin. A função principal da universidade é responsabilizar-se pela edição e pela publicação da revista três vezes ao ano (fevereiro, junho, outubro). Entre várias metas da LARR nesses cinco anos estão: dar continuidade à publicação de artigos nas três línguas; melhorar a acessibilidade da LARR-On-line por meio de uma versão trilingüe da “website”; promover o uso da LARR-On-line e o acesso e a disponibilidade da LARR nas bibliotecas e universidades da América Latina. Como se constata, a LASA e seu porta-voz oficial a LARR tem muito claramente definido o objetivo de intensificar o diálogo entre a academia latino-americana e a estadunidense.

Na Conferência da LASA de 1992, em Los Angeles, um grupo entre trinta e quarenta acadêmicos anunciaram formalmente a idéia de criar uma associação que promovesse tanto os estudos brasileiros como continuasse a manter fortes laços entre os que estudam o Brasil e outras partes da América Latina. Desse modo, o primeiro congresso internacional da nova associação, intitulada BRASA – Brazilian Studies Association, teve lugar em Atlanta, Geórgia, em conjunção com a conferência da LASA em março de 1994. A BRASA, contudo, até o presente não dispõe de um periódico que a represente. As comunicações apresentadas durante seus congressos encontram-se disponíveis *on-line*, para os associados. Publicou o boletim *Fagulha*, hoje transformado em “BRASAnotes”. Oferece o “Brasa-net”, um *listserv* semanal com notícias e eventos a qualquer indivíduo interessado nos estudos brasileiros.¹⁷

Embora não constem na “webpage” da Associação as línguas em que as comunicações devam ser apresentadas, basta examinar as Atas dos congressos para ver-se que as línguas empregadas são o português e o inglês.

No momento a sede da BRASA encontra-se na Vanderbilt University. Atualmente possui mais de 600 associados, principalmente entre acadêmicos atuando nos Estados Unidos e no Brasil.

¹⁵ *Bulletin of Latin American Research – BLAR*: <http://www.slas.org.uk/blr.shtml>

¹⁶ Society for Latin American Studies – SLAS: <http://www.slas.org.uk/>

¹⁷ Brazilian Studies Association – BRASA: <http://sitemason.vanderbilt.edu/site/gllmac/index>

Hijas de allá

Revista Iberoamericana, a mais antiga das trasladadas aos Estados Unidos, desde seu nascimento esteve vinculada ao Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana – IILI, fundado em 1938 na Cidade do México. A partir de então, durante quase sete décadas e sem interrupções, o IILI se dedicou à tarefa de difundir internacionalmente a literatura, a cultura e a crítica literária latino-americanas através de seus Congressos, da Revista Iberoamericana e de suas linhas editoriais.

A Revista teve três épocas: a da Universidade Nacional do México, 1939-1956; a de Alfredo Roggiani, University of Iowa e University of Pittsburgh, 1956-1991, completada por Keith McDuffie, 1991-1996; a de Mabel Moraña, University of Pittsburgh, desde 1996. Na primeira e segunda épocas a Revista oferece um misto de crítica literária, pensamento latino-americano, e reflexões sobre a identidade latino-americana e as relações interamericanas. A partir de 1992, depois de Roggiani, num período de acelerada interação entre a América Latina e os Estados Unidos, sob a égide da “globalização pós-moderna”, a Revista oferece um amálgama francamente híbrido de crítica literária (especialmente “teoria”), estudos culturais e novas reflexões sobre a identidade (agora “multicultural”) latino-americana, interamericana, inclusive intranorteamericana (a identidade e a cultura dos chamados “latinos” nos Estados Unidos.)¹⁸

No primeiro congresso do IILI, em agosto de 1938, seu presidente, Julio Jiménez Rueda, no discurso inaugural, assim se expressa: “de todas las manifestaciones de la cultura de Iberoamérica, la literatura es la que ha llegado a ser más conocida y apreciada en el mundo. Los poetas desde el siglo pasado, los novelistas en el presente, son leídos y comentados ya en su lengua original, ya en las traducciones que por fortuna se multiplican más cada día”. No prefácio à Memória do Primeiro Congresso, publicado dois anos depois, Manuel Pedro González pontua que o propósito fundamental do IILI é “luchar por el mejoramiento de las relaciones culturales entre los países iberos de América así como entre éstos y la América anglosajona”, “estudiar los medios de mejorar la técnica de la enseñanza de nuestra literatura y buscar el procedimiento más adecuado y eficaz para divulgar su conocimiento fuera de los respectivos países en que se produce”, e enfatiza: “Esta Revista, como habrá podido verse en sus primeras entregas, aspira a

¹⁸ Martin, Gerald. “El Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana y la Revista Iberoamericana: Breve relato de una ya larga historia”, in *Revista Iberoamericana*, Vol. LXVIII, N.º 2000, e disponível na “homepage” do IILI sob “Acerca del IILI”: <http://www.pitt.edu/~hispan/iili/ArtMartin.html>

ser índice y a la vez aglutinante de la literatura americana, incluyendo la del Brasil”.¹⁹

¹⁹ *Idem ibidem*

Na primeira e segunda épocas, apesar da referência permanente à literatura ibero-americana, interessa salientar a missão das duas entidades, a ILLI e a RI:

*A diferencia de otras asociaciones o revistas, a nuestras dos instituciones les interesa, no España, no Francia, ni siquiera Estados Unidos (después del panamericanismo un poco tibio y siempre ambivalente de los primeros años, animado casi exclusivamente por Carlos García-Prada), sino América Latina, con todos sus nombres — Latinoamérica, Iberoamérica, Indoamérica, Hispanoamérica-y-Brasil, América Hispana, América Hispánica, etc. Es significativo que la Organización de Estados Americanos, fundada en abril de 1948, casi nunca se menciona en las páginas de la RI, mientras que la Unesco aparece en ellas con cierta frecuencia. Se trata entonces de un instituto globalmente “internacional” — de allí su nombre — antes que panamericano, en el que latinoamericanos y norteamericanos colaboran para sistematizar e institucionalizar el estudio de la literatura latinoamericana.*²⁰

²⁰ *Idem ibidem*

Na terceira época, a de Mabel Moraña, houve um notável impulso nas linhas de publicação. Aos quatro números anuais da RI se somaram as seguintes séries: a) *Críticas*, destinada à releitura e atualização de críticos latino-americanos; b) *Nuevo Siglo*, dedicada a obras monográficas de um único autor; c) a *Serie ACP* (sigla que se refere ao nome de Antonio Cornejo Polar, ilustre ex-presidente do Instituto), que representa, de certo modo, a continuação e adaptação da série “Clásicos de América”, iniciada há seis décadas e que publicará livros coletivos sobre autores canônicos latino-americanos; d) continuação e renovação da série *Tres Ríos* para a publicação de trabalhos apresentados em congressos; e) *Biblioteca de América*, volumes coletivos sobre temas críticos variados.²¹

²¹ *Idem ibidem*

O ILLI tem na atualidade o maior número de associados e a RI o maior número de assinantes de toda sua história. Sediados na University of Pittsburgh, a *Revista Iberoamericana* somente publica em espanhol e português.²²

²² *Revista Iberoamericana*:
<http://www.pitt.edu/~hispan/illi/>

Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, cria-se em Lima, em 1973, no seio de conversações sobre teorias da literatura latino-ameri-

cana auspiciadas pela Universidade de São Marcos e nucleadas por seu diretor-fundador Antonio Cornejo Polar. Nasce como uma alternativa de crítica própria, atenta à matéria textual porém cultural e socialmente contextualizada, que quer ajustar-se à especificidade das literaturas latino-americanas sem cair na falácia sociológica (crer que a realidade literária é a realidade social) ou a imanentista (crer que o texto fornece tudo para sua cabal compreensão). A relação entre literatura e cultura se mantém essencial a seu projeto crítico, mas sem subordinar a primeira à segunda. Em qualquer caso, a história social é sempre o terreno onde a crítica que a Revista promove se funda e acha cabal explicação.²³

²³ Bueno-Chávez, Raúl. “Breve Historia de la RCLL”, in “Historia de la RCLL”, na “homepage” da *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*: <http://www.dartmouth.edu/~rcll/ediciones.htm>

Nasce também para acompanhar com material crítico a revista de teoria *Problemas de Literatura*, fundada um ano antes em Valparaíso por Nelson Osorio e Helmy Giacoman. Silenciada no final do mesmo ano pela ditadura, o projeto da revista peruana assume parte da agenda cancelada no Chile.²⁴

²⁴ *Idem ibidem*

O primeiro número da Revista, que alguns consideram histórico, sai em outubro de 1975 editado pela Inti Sol e inclui textos que gravitariam notavelmente no latino-americanismo posterior: “Algunos problemas teóricos de la literatura hispanoamericana”, de Roberto Fernández Retamar, e “Los sistemas literarios como instituciones sociales en América Latina”, de Alejandro Losada. A partir do segundo número passa a ser editada por Latinoamericana Editores, exclusivamente dedicada a manter a Revista. A partir do N.º 26 a revista passa a ser subvencionada pela University of Pittsburgh, onde Antonio Cornejo Polar foi professor titular; com sua mudança para a University of California Berkeley, esta a subvenciona do N.º 39 ao 48, e, após seu falecimento, do N.º 49 em diante está em Dartmouth College sob a direção de Raúl Bueno-Chávez.²⁵

²⁵ *Idem ibidem*

A RCLL é publicada duas vezes ao ano, em espanhol e português. Na página eletrônica da RCLL incluem-se os índices dos números sob sua nova administração. As resenhas e alguns de seus textos (os que aparecem assinalados) podem ser livremente consultados.²⁶

²⁶ *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*: <http://www.dartmouth.edu/~rcll/>

Na posição que me foi honrada ocupar nesta mesa-redonda intitulada **Discursos e Diálogos Inter-americanos**, das sessões semiplenárias deste Congresso da Abralic, de 2004 em que o Prof. Raúl Bueno-Chávez infelizmente não pôde estar presente, relatarei, como coordenador da área de literatura brasileira da RCLL, que me foi proposto ser a partir do nº 47, e como admirador da obra de Antonio Cornejo Polar e de seu mais insigne

seguidor, meu colega de Departamento e atual diretor da Revista, parte de um diálogo interativo que tivemos ele e eu sobre a orientação da RCLL, já há anos sediada nos EE. UU, frente o momento atual dos estudos latino-americanos produzidos pela academia latino-americana e os elaborados pela academia anglo-americana sobre a América Latina. Assim se expressou o Prof. Bueno-Chávez:

El sentido de la RCLL: Conecta literatura con cultura y el contexto histórico-social. La literatura no sólo refleja la cultura y la situación enunciativa, sino que se inscribe en ellas, es parte irrenunciable de ellas. Fuera de la cultura y los contextos histórico-sociales que le otorgan sentido, la literatura carece de real significación y aun de función. Como la moneda que está fuera de su tiempo y su lugar de circulación. La literatura es una manera de responder a la cultura, a la historia social, a la vez que es parte de ellas. No se trabaja la literatura per se. La literatura está relacionada con la cultura. Nos interesa si la literatura se funda en un contexto, si muestra sus relaciones con el contexto.

Relaciones entre literatura, crítica y teoría literaria: La revista es de crítica. Los artículos/ la crítica que nos interesa es la que da cuenta, que puede ofrecer modelos de fenómenos semejantes. Es la crítica que tiene valor teórico.

Metodología (cómo trabajamos): El foco tiene que estar "allá", en América Latina. La producción crítica debe ser básicamente latinoamericana. Nos interesa la "logosfera" del articulista, sus referencias, sus puntos de partida.

Quanto a nós, profissionais da palavra voltados às questões literárias desta América, como estabelecer, primeiramente, um efetivo diálogo entre nós, latino-americanos? Eis sua resposta:

Entiendo que el diálogo entre las literaturas de América Latina, deben incluir también los problemas culturales de América Latina y, por lo tanto, deben cada vez más basarse en textos de amplio espectro producidos en ese subcontinente, no solamente en los literarios. La razón es simple: la literatura no es un tejido aislado de las otras series discursivas del área, sino un sistema íntimamente trabado con (ligado a) las esferas intelectuales expresadas en textos tales como los

de la ley, los acuerdos internacionales, los proyectos de integración, las bibliotecas transnacionales (la serie de 'Casa de las Américas' y la 'Biblioteca Ayacucho', por ejemplo), la literatura científica y científico-social sobre la flora, la fauna, el poblador, las migraciones, etc. etc. Por eso se trata de trascender lo meramente estético-literario para alargar el estudio comparativo a asuntos los más variados posibles, teniendo en cuenta su correspondencia entre los diversos países de América Latina. Por ejemplo: temas como la explotación de los recursos forestales (del caucho en la era de los lores de la goma—Perú, Colombia, Brasil), la conquista del 'desierto', la incorporación del indígena a las fuerzas productivas de la nación, los proyectos modernizadores del área, los distintos acuerdos de integración (pacto Andino, Mercosur, ALALC, NAFTA, etc.) y aun actividades en apariencia privadas (como los cultivos de caña de azúcar, algodón, o café, que rediseñan el panorama natural y cultural de grandes sectores de América Latina, caracterizados por el sistema denominado 'plantación') no sólo tienen repercusiones literarias en estas tierras, sino que organizan un denso tramado de textos que discuten la cultura del área. Entender la lectura de los textos en su sentido más amplio, no apenas el restringido campo de la producción literaria. En otras palabras: estamos entrenados en leer textos, comprenderlos, buscarles su sentido muchas veces oculto, disimulado. Estamos, pues, capacitados para salir del reducto de la literatura ficcional para entrar en los de la cultura. A través de las herramientas que dominamos debemos ensanchar nuestro horizonte y contextualizar el asunto que estamos investigando no a solamente una realidad o cultura en América Latina, sino averiguar las diferentes manifestaciones del tema elegido en diferentes culturas, realidades, épocas distintas, etc. El material que el investigador puede incorporar a su estudio pasa, de una comparación entre dos novelas y sus adaptaciones a otras "midias", a una efectiva investigación de los modos cómo se hacen las cosas en dos países de América Latina, siempre considerando el propósito de ese investigador que busca acercar el mundo de habla portuguesa al de habla española. Esa sería, según mi punto de vista, una forma mucho más productiva de entender esta nuestra América Latina.

